

**GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: DINÂMICA RELACIONAL DOS CASAIS E
CONTEXTOS FAMILIARES DE ORIGEM**

Daiane Wiltgen Tissot¹

Denise Falcke²

RESUMO

A gravidez na adolescência é um tema estudado mundialmente devido ao seu impacto em termos individuais, familiares e sociais. O objetivo deste trabalho foi compreendê-lo a partir de uma visão sistêmica sobre a dinâmica relacional dos casais que vivenciavam uma gravidez na adolescência, considerando as interrelações com seus contextos familiares de origem. Realizou-se um estudo transversal qualitativo de casos múltiplos com três casais nos quais a gestante era adolescente. Os instrumentos utilizados foram questionário sociodemográfico e entrevista semiestruturada com a díade. Os principais resultados, a partir de síntese de casos cruzados, foram: expectativas de a criança atenuar dinâmicas violentas entre os casais; ressignificação de conceitos pessoais e sobre a família; união e cumplicidade à dupla; reparação de problemas da díade e familiares, além de faltas afetivas em relações anteriores e erros do passado. Concluiu-se que as gestações carregavam uma missão, o que pode resultar em possíveis conflitos nas novas famílias.

Palavras-chave: Gravidez na adolescência; Dinâmica de casal; Família de origem; Relações familiares; Violência.

**ADOLESCENT PREGNANCY: COUPLES RELATIONAL DYNAMICS AND
FAMILY OF ORIGIN CONTEXTS**

ABSTRACT

Adolescent pregnancy is a theme studied worldwide because of its impact on individual, family and social terms. The objective of this study was to understand it from a systemic view on the relational dynamics of couples experiencing a pregnancy in adolescence, considering the

¹ *Psicóloga (FACCAT) e Mestre em Psicologia Clínica (UNISINOS). Psicóloga Clínica Sistêmica. Psicóloga da Unimed Encosta da Serra. Colaboradora do NEFAV (Núcleo de Estudos de Família e Violência). ✉ daianewtissot@gmail.com*

² *Doutora em Psicologia Clínica (PUCRS), Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Coordenadora do NEFAV (Núcleo de Estudos de Família e Violência). ✉ dfalcke@unisinobr*

interrelations with their family contexts of origin. A qualitative cross-sectional study of multiple cases was carried out with three couples in which the pregnant woman was an adolescent. The instruments used were sociodemographic questionnaire and semi-structured interview with the dyad. The main results, based on cross-case synthesis, were: expectations of the child to attenuate violent dynamics between couples; re-signify personal and family concepts; bring unity and complicity to the duo; repairing problems of the dyad and family, as well as affective faults in previous relationships and mistakes of the past. It was concluded that the pregnancies carried a mission, which could result in possible conflicts in the new families.

Keywords: Adolescent pregnancy; Couple dynamics; family of origin; family relations; violence.

Introdução

A gravidez na adolescência é envolta em controvérsias, principalmente em contextos vulneráveis socialmente, porque pode atuar tanto como fator de risco, pelos prejuízos ao desenvolvimento da mãe em termos escolares e profissionais, quanto de proteção para a mãe, quanto à criminalidade e uso de drogas (Oliveira-Monteiro, 2010). Está associada à maior autoconfiança e liberdade de ser mulher, a um novo sentido para a vida e busca por companhia (Zanchi, Kerber, Biondi, Silva & Gonçalves, 2016), além de reorganização das aspirações de vida (Cherry, Chumbler, Bute, & Huff, 2015). Também são relatadas experiências de melhora nas relações familiares após a notícia da gravidez, com alterações positivas no convívio geral do ambiente familiar e aumento dos cuidados com a gestante adolescente (Cerqueira-Santos, Paludo, Dei Schirò & Koller, 2010).

Autores (Abeche, Maurmann, Baptista & Capp, 2006; Aeby, Xu, Carpenter-Aeby, Lu, Barnes, Rivers, & Turner, 2016) contestam o estereótipo da gravidez na adolescência como algo indesejável, uma vez que foi observado o planejamento da gravidez, bem como uma boa receptividade da notícia no casal em grande parte dos casos, o que remete à necessidade de compreensão das características da relação. No entanto, no que tange ao papel do pai adolescente, discute-se a concepção de ausência, imaturidade e postura pouco ativa diante da gravidez, mostrando-se uma figura secundária (Bermúdez, 2014).

Nessa perspectiva, além das atuações e significados individuais da gestante ou do pai ou, ainda, aspectos familiares, é importante considerar o que está envolvido na dinâmica dos casais que decidem ficar juntos e criar o filho, firmando uma conjugalidade e constituindo um lar. Diante dessa escolha, como em todas as uniões em diferentes faixas etárias, inicia o desafio da conciliação de duas individualidades em uma conjugalidade (Féres-Carneiro, 1998). Para

Féres-Carneiro (1998), essas duas forças paradoxais desafiam as díades, de todas as idades, que precisam equilibrar a necessidade de ter autonomia e, ao mesmo tempo, construir a interação.

Segundo Hintz (1999), as vinculações românticas se baseiam na vivência dos relacionamentos infantis, estando ancoradas nos modelos relacionais com as figuras cuidadoras, maternas e paternas. O casal, assim como o indivíduo, passa por reorganizações ao longo do ciclo evolutivo vital, moldando a relação durante o processo, que inicia com o enamoramento até alcançar uma fase de maior cumplicidade, em que as idealizações vão dando lugar a um comprometimento mais maduro. Além do ciclo evolutivo, a presença de filhos impõe outras adaptações, modificando a dinâmica dos casais por meio da eclosão de crises inerentes ao desenvolvimento infantil. Assim, mesmo que planejado, o nascimento de um filho é uma das crises familiares mais desafiadoras (Carter & McGoldrick, 2007).

Em relação a esse aspecto, dados coletados em casos de gravidez na adolescência, acompanhados durante a gestação e após seis meses do parto, indicaram maiores níveis de envolvimento parental, tempo destinado aos cuidados com o bebê, experiências parentais positivas e senso de competência parental em casais com: maior satisfação com sua relação durante a gestação; relações com menos anulação e ansiedade no apego ao parceiro; menor vivência de violência enquanto crianças; e cujas mães foram mais envolvidas durante a infância (Kershaw, Murphy, Lewis, Divney, Albritton, Magriples & Gordon, 2014). No contexto brasileiro, foram encontrados indícios significativos de menores impactos negativos da gravidez na adolescência, para a mãe e o filho, quando estavam presentes fatores como apoio da família de origem, especialmente da mãe da adolescente, e relação conjugal satisfatória com o pai da criança (Oliveira-Monteiro, Freitas & Farias, 2014).

Sobre a perspectiva relacional na adolescência, autoras brasileiras encontraram na literatura, majoritariamente internacional, da década entre 2006 e 2016, associação entre violência no namoro e comprometimento da saúde mental, podendo ser a violência preditora de distúrbios mentais (Nascimento, Costa, Costa & Cunha, 2018). A vivência de relações violentas na família está associada à sua reprodução nas relações de namoro na adolescência, como agressor ou vítima, caracterizando um ciclo intergeracional (Nascimento et al., 2018).

O pouco destaque na literatura brasileira sobre o estudo de casais adolescentes na transição para a parentalidade, levou Levandowski, Piccinini e Lopes (2009) a buscarem compreender os processos de individuação dentro da identidade conjugal adolescente. Houve destaque para a conjugalidade durante a gestação, seguido do seu enfraquecimento a partir do nascimento do bebê. Esse enfraquecimento é refletido pelos autores como vinculado à fragilidade da intimidade prévia dos casais, bem como à não conclusão desenvolvimental

psíquica individual, que influencia a vivência da intimidade. Desse modo, percebeu-se dificuldade de manter um equilíbrio entre individualidade, conjugalidade e parentalidade.

As informações mencionadas evidenciam a complexidade do fenômeno da gravidez na adolescência e, apesar da grande quantidade de trabalhos sobre o tema, a literatura brasileira com foco na interação do casal à espera do bebê é escassa. Por isso, o objetivo do presente trabalho foi contribuir para a compreensão sistêmica das dinâmicas de relação de casais nessa situação, considerando o plano de fundo familiar de origem dos participantes, a fim de oportunizar olhar ampliado para o fenômeno, visando intervenções preventivas em nível familiar e conjugal. Esse objetivo colabora com possíveis atuações de psicólogos no contexto de Assistência Social dos municípios brasileiros, já que a gravidez na adolescência corresponde a uma das principais causas de mortalidade infantil e se relaciona intimamente com problemas de saúde e ao ciclo de pobreza (World Health Organization, 2014).

Método

Foi realizado um estudo qualitativo, com delineamento exploratório, a partir de estudo de casos múltiplos (Yin, 2015) em corte transversal.

Participantes

Os participantes foram três casais com uma gestação em curso, residentes no interior do Rio Grande do Sul, selecionados por conveniência. Os critérios de inclusão foram ser um casal vivenciando a relação na qual a gestação ocorreu e que, pelo menos a gestante estivesse na fase da adolescência. A Tabela 1 contempla os dados participantes.

Tabela 1. Caracterização dos participantes (nomes fictícios)

		Idade	Escolaridade	Tempo Relação	Período Gestacional	Gestação Planejada	Filhos Nascidos	Moram Juntos	Trabalha Fora
Casal 1	Ana	16	5º ano	1 ano- separações temporárias	4 meses	Não		Não	Não
	Pedro	17	5º ano		4 meses	Sim			
Casal 2	Cristina	15	7º ano	6 meses	5 meses	Sim	2 meninas: 3 e 4 anos	Sim	Não
	Marcos	24	5º ano		5 meses	Sim			
Casal 3	Daniela	16	7º ano	1 ano- separações temporárias	4 meses	Sim	2 meninas: 5 e 3 anos	Sim	Não
	Fábio	27	5º ano			4 meses			

Instrumentos

Utilizaram-se os seguintes instrumentos, ambos elaborados pelas autoras: Questionário sociodemográfico, que visou à exploração da história dos casais e à caracterização dos participantes; e Entrevista semiestruturada com o casal, a qual buscou explorar questões individuais, familiares, bem como a interação da díade e sua dinâmica relacional, além do significado da gravidez.

Procedimentos de coleta e análise dos dados

Os casais foram selecionados a partir da indicação da rede pública de atendimento de duas cidades gaúchas, após aprovação do Comitê de Ética (CAAE 62563216.0.0000.5344). As entrevistas foram realizadas com os casais, individualmente, nas dependências do CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) do município dos participantes, por ser um local de fácil acesso aos participantes uma vez que se localiza na comunidade da qual fazem parte, ou em suas residências. Foram observadas as recomendações éticas para a realização de estudos com seres humanos, de acordo com a Resolução 510/2016 do CNS. As gravações em áudio foram transcritas integralmente e analisadas por meio da síntese de casos cruzados (Yin, 2015), partindo da apresentação e análise vertical de cada caso e, ao final, culminando na análise horizontal deles, buscando similaridades e diferenças. Os dados são apresentados separadamente por casal e, posteriormente, são discutidos em uma síntese de casos cruzados, a qual integra e discute as informações à luz da teoria sistêmica.

Resultados e Discussão

Casal 1

Pedro (17 anos) e Ana (16 anos) possuem um ano de relacionamento, com histórico de separações temporárias, não residindo juntos: Ana mora com a mãe e Pedro, sozinho. Ana considera os avós maternos como seus pais, pois criaram-na para que a mãe pudesse trabalhar, uma vez que o pai não a assumiu. Pedro foi criado pelos tios maternos, após intervenção do Conselho Tutelar na atuação da mãe. O pai também não o assumiu, e estão em processo de registro de paternidade somente agora. Diante da experiência de crescer sem pai, Pedro pretende reeditar sua história com o bebê: *“eu quero fazer o que o meu pai não fez pra mim.”* No momento da pesquisa, Pedro morava sozinho e tinha pouco contato com a família de origem. Já no caso de Ana, a família de origem fazia parte da rotina: a casa da avó ainda era referência para quando brigava com a mãe, o que acontecia diariamente. Ana demonstrou pouco respeito

à mãe, havendo o relato de ser agressiva com ela, como resultado de uma criação permissiva. Ana preferiu que fosse o parceiro o primeiro a ser entrevistado. Enquanto ele respondia, não se envolveu ou interrompeu, mas a linguagem corporal em muitos momentos demonstrava discordância, principalmente quando ele falava de trabalhar até tarde agora que precisam de mais renda. Na entrevista dela, Pedro foi muito requisitado pela adolescente, que tornou o diálogo coletivo. Isso demonstrou insegurança, pela aparente dominação dele na relação. Muitas vezes utilizou *“ah, vou ser sincera”*, aproveitando o espaço para falar, mas com receio de como sua fala seria recebida por ele. A dinâmica da relação mostra-se permeada pelo ciúme e pela violência, com diálogos envoltos em palavrões e xingamentos *“Ai... vai “tomar no teus óio”, “cala a boca”*, bem como divergências em relação à família de origem do outro, com queixas de ambos sobre as mesmas *“se metendo”*, ou *“um ofende a família do outro, daí o outro não gosta... chama de filho da puta.”* Conforme relatos, já tiveram embates sérios, que culminaram em violência física: *“Ciúmes... ela falava uma coisa, eu não gostava, daí eu falava uma coisa e ela não gostava e nós já brigava”*; *“Coisa de se ofender bastante... por exemplo, ele me chamar de puta”*; *“Mas de bater era mais da parte dele... tu pegou uma vez e me bateu com minha cabeça contra a parede, não mente”*, ao que ele responde: *“é, mas por que... vamos falar a verdade, é porque tu me batia na cara”*. Após essa última fala, o adolescente levanta a camisa para mostrar a marca de um arranhão de Ana. Ele a refere como muito brava e agressiva e ela se queixa do controle dele e da ausência quando o mesmo está trabalhando.

Após a notícia da gravidez, a dinâmica violenta mudou: quando Ana inicia uma briga, Pedro fica quieto, pensando no filho. Nesse sentido, o casal percebe que a gestação atenuou as tensões na relação, na medida em que o pai adolescente se controla para não estressar a companheira com vistas a não afetar o bebê: *“eu batia na cara dele, mas ele me batia, ele quebrou meu celular por ciúmes, ele me batia bastante, só que agora mudou isso, ele não me bate mais [...] eu tô estressada, ele desvia”*. Desse modo, o casal percebe a gravidez como positiva para a relação, não identificando nenhum fator negativo ou receio do futuro. Inicialmente, o casal referiu que a gestação não foi planejada, porém ao longo da conversa demonstraram que a vontade existia por parte de Pedro, e Ana cedeu. Quando Ana comunicou que achava estar grávida, o casal rompeu. Após a confirmação, porém, voltaram, *“e hoje tá melhor, muito melhor.”* Ambos se disseram muito felizes com a gravidez, e também com o modo com que estão se relacionando agora. Ana refere que se sentiu apoiada pela família, porém o avô alertou: *“vocês são muito novos, vocês não pegam mais uma bonequinha e atiram em qualquer canto, agora é uma criança.”* Após lembrar essa fala, entretanto, Ana acrescenta: *“mas ele gosta de brincar, sabe?”*, aludindo a uma minimização dos desafios inerentes à

vivência da parentalidade. A imaturidade da gestante transparece diante do comentário “*talvez vai mudar a minha vida*”, referindo-se à chegada do bebê.

Discussão Casal 1

Pedro e Ana, cujas idades são próximas, demonstram imaturidade por meio da ilusão sobre o filho vindo para atenuar a dinâmica violenta do casal e para suprir vazios de relações com gerações anteriores. Esse último aspecto vai ao encontro dos dados encontrados na literatura por Levandowski, Piccinini e Lopes (2008), em relação aos aspectos socioemocionais envolvidos na gestação adolescente. Nesse casal é clara a bidirecionalidade da violência, assim como encontrado por Costa, Costa e Nascimento (2018), ainda que a dinâmica tenha sofrido alteração por circunstância da gravidez. Apesar da mudança positiva em termos de cuidado, ela se direciona à proteção da criança e não da companheira. Essa informação indica uma possibilidade de retomada da dinâmica disfuncional após o parto. Apesar da relação conflituosa, fica clara a necessidade de Ana agradar a Pedro, dando-lhe o presente de ser pai. Nesse aspecto, reflete-se sobre a cessão da adolescente ao desejo do companheiro como um componente de busca de melhorias na relação muito permeada por conflitos, ainda que essa atitude implique abrir mão da própria individualidade (Féres-Carneiro, 1998), já que se considera muito nova para ser mãe. Evidencia também a dinâmica coercitiva que se mostra presente, com a vontade de Pedro sendo dominante na relação.

Casal 2

Marcos (24 anos) e Cristina (15 anos) estão juntos há seis meses, sendo que a coabitação surgiu a partir da notícia da gravidez, com um mês de relacionamento. Cristina tem a família dita “*intacta*”. Marcos foi adotado no primeiro ano de vida, tendo uma história de abandono e maus tratos, com três tentativas de homicídio pelo marido da mãe biológica, e agressões do pai da família adotiva. A família de origem de Cristina faz parte da rotina do casal, uma vez que moram próximo a eles e ajudam o casal frequentemente no sentido financeiro. A família de Marcos é distante, não havendo muito contato. O casal tem quase dez anos de diferença de idade e essa diferença aparece no modo com que se relacionam. Marcos assume a liderança durante a entrevista, falando pelos dois ou complementando as falas vagas da companheira. Também se percebe uma tendência dele de sentir-se responsável por ensinar Cristina: “*passsei por coisa difícil já, e a mesma coisa eu tento ensinar pra ela também, como ela é mais nova do que eu*”. Diante das longas falas de Marcos, por inúmeras vezes, Cristina suspirou alto ou bocejou, principalmente enquanto Marcos falava de sua história familiar triste, ou quando a fala

dele insinuava que ela tinha muito o que aprender e que teve sorte de ter uma família cuidadora, portanto não deveria reclamar tanto. A família de Cristina dá suporte financeiro e é presente para apoio material, porém existe muita dificuldade na expressão de carinho, havendo desligamento afetivo e dificuldade de comunicação emocional, sendo, aparentemente, esse o motivo da queixa dela sobre os pais: *“não tem como explicar, não vou dizer que eu não gosto... mas nenhum dos dois [pais] me desce”*. O casal não relata episódios violentos, revelando que brigam, mas os atritos são resolvidos com tranquilidade: *“eu procuro encurtar o máximo... eu já fui ruim, mas em questão à violência dentro de casa eu acho que isso não é bom, porque a gente tem um filho que tá vindo, a gente vai ter que dar o exemplo pra ele”*, refere o pai.

A gestação foi planejada pelo casal, principalmente a partir do desejo de Cristina em ter um filho. Marcos demonstra um desejo intenso também em relação ao bebê, quer ser um pai mais próximo do que foi para as duas meninas que teve em outra relação, com as quais não tem muito contato. Arrepende-se de sua imaturidade na ocasião da outra relação, tendo deixado a família para buscar bebida e diversão fora de casa. O fato de o bebê ser um menino lhe traz muita satisfação, evidenciando também um desejo de reedição de sua história familiar de origem e de sua atuação anterior como pai: *“é isso que eu quero, eu quero mudar a minha vida usando ele, eu quero me espelhar sabe, eu quero que ele mostre, depois que ele tiver grande, que eu podia ser melhor e que eu podia mudar, que era só uma questão de oportunidade”*. A visão de ensinar Cristina também está presente em relação aos cuidados com o bebê, *“aos poucos ela vai começar a aprender, quem vai cuidar vai ser eu, com certeza, daí eu vou ter que cuidar dos dois”*. A gravidez faz parte desse casal desde o início da relação e percebe-se que há uma valorização do cuidado com a gestante. Marcos refere: *“a gente briga eu vou lá, abraço e beijo [...] porque ela pode ficar muito nervosa e pode atacar o nenê, então eu procuro manter ela sempre calminha, e fazendo as vontades, né”*.

Discussão Casal 2

Nesse casal, percebe-se o planejamento da gravidez como relacionada a uma resolução de situações pregressas de relacionamentos familiares sem afetividade ou violentos. A esse respeito, Patias, Gabriel e Dias (2013) destacam como fatores de risco para o desenvolvimento da adolescente e de seu bebê, relações familiares conturbadas e difíceis, abusadoras e/ou negligentes, e falta de apoio social. Os protetivos incluem afetividade e ausência de negligência familiar, além das características individuais positivas, como boa autoestima e autonomia. A autonomia, nessa gestante, se mostra prejudicada: a dinâmica do casal reflete um vínculo de dependência em termos emocionais de Cristina em relação a Marcos, que invalida a parceira.

Assim, reflete-se sobre possível emaranhamento da gestante em suas relações, nas quais há muita troca e pouca delimitação de espaços individuais (Nichols & Schwartz, 2007).

Casal 3

Fábio (27 anos) e Daniela (16 anos) residem juntos há seis meses, quando assumiram de fato o relacionamento, que anteriormente era esporádico. Daniela foi criada pela mãe junto com dois irmãos, sem que o pai tenha assumido ou participado, e Fábio foi criado pela irmã e o cunhado após a morte dos seus pais quando criança. Nenhuma das famílias de origem foi citada como próxima e participante na vida do casal. Fábio refere sua personalidade como explosiva, resultado de ter recebido tudo que quis da irmã, tornando-se intolerante à frustração e com pouco controle de impulsos. Foi preso por conta desse comportamento: *“Ah, eu sempre fui muito brigão. Fica eu tenho um monte [...] eu era muito esquentado quando era mais novo, era duas, três o bicho tava pegando [...] agora faz tempo que eu não sei o que é uma delegacia”*. Fábio refere que se torna violento quando contrariado e, por Daniela não se submeter a isso, as brigas eclodem. A violência física já foi muito presente. A violência verbal ainda é frequente, bem como psicológica, transmitindo a ideia de que é ela quem provoca, e que se ela ficar quieta ele não “se estoura” e fica tudo bem. Quando os conflitos não estão presentes, entretanto, o casal demonstra uma dinâmica carinhosa, com apelidos meigos. Daniela cobra de Fábio demonstrações mais claras de afeto, assim como não gosta quando ele sai para trabalhar, deixando-a sozinha. Ele se diz sensível, porém “grosseirão”, não conseguindo ficar “alisando”. Refere gostar muito dela e ter investido intensamente no relacionamento, porém muitas vezes esse jeito “duro” é visto por ela como falta de amor ou iminente abandono: *“é que, se ele ficar mais de 30 minutos longe de mim, eu me sinto sozinha”*. Nesse casal, a diferença de idade não se mostra significativa: *“até sou mais cabeça que ele, ele só tem idade mesmo. [...] É que mulher é sempre mais evoluída, não adianta”*, conclui a gestante.

A gravidez foi planejada por ambos, sendo que o filho teria um papel organizador da vida, trazendo responsabilidade e melhor interação conjugal. Os episódios violentos cessaram a partir da gravidez. Para Daniela, a criança veio *“particularmente em um momento que eu precisava... de desânimo, depressão [...] e daí eu decidi ter o meu bebezinho por causa disso, pra mim ter uma responsabilidade, pra me sentir realmente amada por alguém. Porque eu sempre fui, digamos, carente. Eu acho que ninguém me ama, então sei que um bebê não tem como não me amar!”*. O pai reflete, diante das experiências anteriores não planejadas, que hoje está em vantagem por ter feito planos para esse bebê. Outra motivação para a gestação foi: *“porque ela disse que não conseguia ter filho. Ela tentou várias vezes e não conseguia, e ela*

queria. Daí eu disse: 'Contigo eu também quero ter o meu guri'. Daí ainda brinquei com ela: 'Não sou faiado que nem teus namorado'".

Discussão Casal 3

Nesse casal, fica evidente o fato de a criança estar vindo com muitas atribuições, principalmente com o papel de preencher vazios afetivos da mãe e acalmar o funcionamento explosivo do pai, sendo esses os principais motivos para terem firmado a relação. Nesse sentido, pode-se refletir sobre uma dificuldade de diferenciação de self do casal, que para Bowen (1966), citado em Nichols e Schwartz (2007), envolve a capacidade de analisar a si mesmo nos relacionamentos, o próprio papel no funcionamento deles, sem a necessidade de culpar a todos, exceto a si mesmo, pelos resultados negativos. Fábio demonstra esse aspecto de modo claro, justificando que o problema é Daniela “*tirá-lo do sério*”. Agora, grávida, Daniela recebe mais atenção e cuidados do companheiro e, como ainda não é suficiente para ela, espera a garantia do amor incondicional do filho, para aliviar sua carência e desmotivação, como também encontrado por Zanchi et al. (2016). Também se percebe no caso a necessidade de testagem da capacidade reprodutiva (Levandowski et al., 2008).

Síntese de casos cruzados

Os três casais entrevistados apresentaram, em comum, percepções irrealistas de filhos como solução de problemas da vida, principalmente em termos substitutivos de déficits em relações significativas. Essa missão que acompanha os bebês remete à reflexão sobre possibilidade de futuros problemas, por não haver a necessária liberdade para desenvolver-se sem formação de triângulos emocionais. Segundo Bowen (1966), citado em Nichols e Schwartz (2007), uma triangulação ocorre quando uma dupla não consegue dar vazão à ansiedade presente na relação, demandando um terceiro para reassegurar a calma e diluir o conflito. Desse modo, as gestações dos casais entrevistados parecem carregar essa função.

No se que refere às famílias de origem dos participantes, foi percebida disfuncionalidade nos três casos. Nas famílias de Ana (caso 1), Cristina (caso 2) e Fábio (caso 3) houve permissividade/indulgência (Silva, 2017) na criação dos mesmos. Para Pedro (caso 1), Marcos (caso 2) e Daniela (caso 3), sobressaiu-se a negligência (Silva, 2017). Em todos os casos, em maior ou menor grau, percebeu-se a presença de desamparo afetivo, déficit este que parecem buscar suprir na constituição de suas próprias famílias, o que transparece diante da expectativa que demonstram em relação ao bebê.

A esse respeito, Miranda (2014) reflete a respeito do bebê imaginário e o bebê real, no sentido de verificar atribuições conferidas à criança durante a gestação, com projeções de fantasias e desejos que o próprio casal não conseguiu realizar e espera que aconteçam por meio do filho. Esse movimento pode gerar um luto que precisará ser vivenciado diante do confronto com o filho real, sendo importante, para que esse impacto seja diminuído, que os pais considerem que a criança a caminho terá suas próprias características, sendo um ser único (Miranda, 2014). No presente estudo, aparecem projeções acerca da atuação da criança nas dificuldades relacionais da díade, sendo ela vista como capaz de unir, apaziguar e conferir bem-estar conjugal. Tal expectativa vai de encontro ao que autores sistêmicos referem a respeito da transição para a parentalidade (Carter & McGoldrick, 2007), como uma das crises mais difíceis do ciclo vital. Tal crise tende a ser mais problemática na adolescência, dada a não conclusão desenvolvimental psíquica (Levandowski *et al.*, 2009).

Por outro lado, existem demonstrações claras de cuidado com a gravidez, muito respeitada, representando um período de tranquilidade, bem-estar e melhores relacionamentos para as gestantes, como visto por Zanchi et al. (2016) e Cerqueira-Santos et al. (2010) e, nesse estudo, protegendo-as especialmente contra a violência do parceiro. A aparente visão de gravidez como estratégia de resolução de conflitos individuais, diádicos e familiares, demonstra a reatividade emocional dos participantes, representada pela dificuldade de pensar e refletir antes de responder automaticamente às pressões dos conflitos (Bowen, 1996 *apud* Nichols & Schwartz). Percebe-se a necessidade desses jovens de elaboração de suas vivências familiares e relacionais românticas, já que buscam o recurso “*quero fazer diferente com o meu filho*” ou “*com esse filho*” para dar conta disso. Esse movimento é conceituado por Bowen (1966), citado em Nichols e Schwartz (2007), como indiferenciação de *self*, uma vez que há a dificuldade de separar-se, libertar-se do caos emocional, vivenciado na família de origem. Por essas características, a indiferenciação representa grande risco de fusão em outras relações, como a de casal, podendo conduzir a uma projeção dos problemas nos filhos. Sendo assim, pode-se inferir que os casais entrevistados, carregados por essas vivências, estejam esperando que a parentalidade alivie as tensões da família de origem e da conjugalidade.

Outro aspecto que remete à falta de diferenciação de *self* é a dependência emocional das adolescentes aos seus parceiros, vista nos casos 1 e 3, por meio do incômodo das gestantes inclusive com os trabalhos dos companheiros, considerando-os como “rivals” na atenção. Essa vulnerabilidade emocional pode, em alguns casos, envolver submissão feminina e ser um dos componentes que as mantém em relações violentas (Balduino, Zandonadi & Oliveira, 2017). A aposta na gestação como forma de diminuir a violência é tida como definitiva, mas pode ser

transitória, considerando o desejo de proteger a criança. Nesse sentido, necessita-se avaliar os impactos da gestação adolescente em longo prazo.

Considerações Finais

O objetivo do presente estudo de compreender a dinâmica relacional de casais vivenciando uma gestação na adolescência trouxe relevantes reflexões para os envolvidos com prevenção e acompanhamento dos desdobramentos individuais, familiares e sociais do fenômeno. Os dados do presente estudo demonstram uma expectativa maior sobre o que o bebê trará para a vida pessoal, conjugal e familiar dos pais, do que a preocupação destes em exercer uma parentalidade adequada, o que remete a prognósticos negativos em longo prazo e remonta à urgência de intervenções psicológicas com esse público. As repercussões no futuro não dizem respeito somente aos casais gestantes, mas a toda a sociedade, sendo uma responsabilidade de todos proteção da adolescência e das crianças que estão a caminho como frutos de relações como as do presente estudo, que se mostraram imaturas e conflituosas. O plano de fundo familiar de origem dos participantes sugeriu presença de disfuncionalidade nas relações primárias dos três casais, a qual remete à complexidade sistêmica envolvida na temática. No que tange à psicologia, tem-se um fértil campo de trabalho, especialmente aos profissionais inseridos na rede pública de atenção, uma vez que permite refletir sobre a necessidade de acompanhar as famílias ao longo do desenvolvimento, planejando ações para fortalecer vínculos pais-filhos saudáveis, entendendo que eles irão repercutir transgeracionalmente nas vivências futuras.

Como dificuldades encontradas na realização deste estudo, pode-se citar o processo de recrutamento dos participantes, uma vez que se percebeu a tendência de muitas adolescentes estarem vivenciando essa fase sem a presença do pai do filho. Além disso, alguns casais selecionados não quiseram participar da entrevista, recusando o convite por telefone ou faltando ao encontro previamente marcado. Uma limitação deste estudo foi seu caráter transversal, uma vez que para maiores reflexões a respeito dos planos atuais desses casais para os bebês, sugere-se a realização de estudos longitudinais que consigam acompanhar esses processos e seus desfechos em longo prazo.

A despeito de julgamentos, positivos ou negativos, sobre a gravidez na adolescência, faz-se necessária a intervenção com os casais e famílias que a vivenciam, em busca de autorreflexão e habilitação para o exercício de conjugalidades e parentalidades mais

diferenciadas e saudáveis para todos os envolvidos. Tais ações poderiam envolver trabalhos com essas populações por articulação dos contextos de Assistência Social, Saúde e Educação, envolvendo equipes multidisciplinares que atuem em prol de identificar demandas como estas e engajar as pessoas em projetos que acessem sua subjetividade, ainda que não haja uma busca espontânea. A prevenção da gravidez na adolescência, como este estudo contribuiu para mostrar, passa pelo reconhecimento de significados individuais, diádicos e familiares, não sendo possível, portanto, simplificá-la ou restringi-la.

Referências

- Abeche, A. M., Maurmann, C. B., Baptista, A. L., & Capp, E. (2006). A gestante adolescente e seu parceiro: Características do relacionamento do casal e aceitação da gravidez. *Revista HCPA*, 26(2), 18-23. doi:10.1590/S0100-72032003000700016
- Aeby, V. G., Xu, L., Carpenter-Aeby, T., Lu, W., Barnes, E. S., Rivers, D., & Turner, L. (2016). Exploring Planned Parenthood, Teen Pregnancy, and Policy - A Systematic Literature Review. *US-China Education Review*, 6(5), 293-301. doi:10.17265/2161-6248/2016.05.002
- Balduino, R. C. P., Zandonadi, A. C. & Oliveira, E. S. de. (2017). Violência doméstica: Fatores implícitos na permanência em situação de sofrimento. *Revista Farol*, 3(3), 111-125. Recuperado em 07 de dezembro, 2017, de: <http://revistafarol.com.br/index.php/farol/article/view/39>
- Bermúdez, M. M. (2014). Visibilizando la paternidad adolescente. *Revista de Ciencias Sociales*, 13, 924-943. Recuperado em 07 de dezembro, 2017, de: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5255493>
- Carter, B., & McGoldrick (2007). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2a ed.). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Cerqueira-Santos, E., Paludo, S. D. S., Dei Schirò, E. D. B., & Koller, S. H. (2010). Gravidez na adolescência: Análise contextual de risco e proteção. *Psicologia em Estudo*, 15(1), 73-85. doi:10.1590/S1413-73722010000100009
- Cherry, C. O., Chumbler, N., Bute, J., & Huff, A. (2015). Building a “Better Life” The Transformative Effects of Adolescent Pregnancy and Parenting. *SAGE Open*, 5(1), 1-9. doi: 10.1177/2158244015571638
- Costa, A. M., Costa, M. C. O. & Nascimento, O. C. do. (2018). Percurso amoroso e eventos violentos nas relações de namoro de jovens. *Revista de Saúde Coletiva da UEFS*, 8, 39-45. doi: 10.13102/rscdauefs.v8.2973
- Féres-Carneiro, Terezinha. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>
- Hintz, H. (1999). Dinâmica de interação do casal. *Pensando Famílias*, 1(1), 31-40. Recuperado

em 07 de dezembro, 2017, de: <http://www.domusterapia.com.br/site/files/PF1A.pdf>

- Kershaw, T., Murphy, A., Lewis, J., Divney, A., Albritton, T., Magriples, U., & Gordon, D. (2014). Family and relationship influences on parenting behaviors of young parents. *Journal of Adolescent Health, 54*(2), 197-203. doi:10.1016/j.jadohealth.2013.08.012
- Levandowski, D. C., Piccinini, C. A., & Lopes, R. C. S. (2008). Maternidade Adolescente. *Estudos de Psicologia, 25*(2), 251-263. doi:10.1590/s0103-166x2008000200010
- Levandowski, D. C., Piccinini, C. A. & Lopes, R. C. S. (2009). Individualidade e conjugalidade na relação de casal de adolescentes. *Psicologia em Estudo, 14*(4), 679-687. doi:10.1590/s1413-73722009000400008
- Miranda, S. I. S. (2014). *Percepção das mães adolescentes sobre a diferença entre o bebê imaginário e o bebê real e o seu envolvimento afetivo* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa). Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/22267>
- Nascimento, O. C. do; Costa, M. C. O.; Costa, A. M. & Cunha, B. do S. G. da. (2018). Violência no percurso amoroso e saúde mental de adolescentes – jovens: revisão integrativa. *Revista de Saúde Coletiva da UFEFS, 8*, 30-38. doi: 10.13102/rscauefs.v8.3505
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia Familiar: Conceitos e Métodos*. Porto Alegre, RS: Artmed Editora.
- Oliveira-Monteiro, N. R. (2010). Percursos da Gravidez na Adolescência: Estudo longitudinal após uma década da gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 23*(2), 278-288. doi:10.1590/s0102-79722010000200010
- Oliveira-Monteiro, N. R., Freitas, J. V. & Farias, M. A. (2014). Transcorrer da gravidez na adolescência: Estudo longitudinal quando os filhos são adolescentes. *Psicologia em Estudo, 19*(4), 669-679. doi:10.1590/1413-73722391809
- Patias, N. D., Gabriel, M. R., & Dias, A. C. G. (2013). A família como um dos fatores de risco e de proteção nas situações de gestação e maternidade na adolescência. *Estudos e Pesquisas em Psicologia, 13*(2), 586-610. doi:10.12957/epp.2013.8427
- Silva, M. E. M. (2017). Estilo parental e variáveis psicossociais como fatores de risco ou proteção para a gravidez na adolescência. *Revista Cesumar Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, 22*(2), 443-462. doi: <https://doi.org/10.17765/1516-2664.2017v22n2p443-462>
- World Health Organization (2014). *Adolescent pregnancy*. Disponível em: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs364/en/>
- Yin, R. K. (2015). *Estudo de caso: planejamento e métodos*, 5 ed. Porto Alegre, RS: Bookman.
- Zanchi, M.; Kerber, N. P. da C.; Biondi, H. S.; Silva, M. R. da; & Gonçalves, C. V. (2016). Maternidade na adolescência: resignificando a vida? *J Hum Growth Dev. 26*(2). doi: <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.119268>

Artigo Recebido em: 01/03/2019
Aceite final em: 14/06/2019